

(R)ESISTIR NO JARDIM ITATINGA: PELAS BRECHAS COTIDIANAS O MOVIMENTO DE SUJEITOS E SENTIDOS

Mirielly Ferraça¹

É em Campinas-SP que se encontra o Jardim Itatinga, espaço que se constitui como *objeto* de investigação deste trabalho². Localizado entre as Rodovias Santos Dumont e Bandeirantes, a 11 quilômetros do centro citadino, o bairro foi construído na década de 60 pelo poder público campineiro a partir de um projeto de higienização urbana. Cortiços foram demolidos, casas de prostituição fechadas e muitas das prostitutas que moravam e trabalhavam em áreas “nobres”, espaços urbanística e economicamente valorizados, foram levadas para os *confins* da cidade. Hoje quase duas mil prostitutas trabalham pelas ruas do bairro³.

Entre 2016 e 2017 realizei entrevistas com moradoras, moradores, trabalhadoras, trabalhadores e comerciantes do Jardim Itatinga⁴. A partir do *corpus*, pergunto, então: quais laços enlaçam sujeitos e Jardim Itatinga e de que modo os sujeitos *(r)esistem* na cidade?

Considero que a experiência social urbana produz laços. Laços que se dão pelo discurso, tecidos e estruturados pela linguagem, nos e pelos processos de produção histórico-ideológicos, na e pela ação política do Estado, que recorta espaços e ordena o lugar dos corpos (do sexo e das prostitutas) pela cidade. São nas condições de produção de um bairro criado pelo Estado para ser *o lugar* da prostituição na cidade, num espaço política, histórica e geograficamente segregado, lugar de morada e de trabalho para quase duas mil prostitutas, lar e lugar de trabalho para muitos sujeitos, que relações sociais se estreitam e se entrelaçam.

No percurso teórico-analítico, esbarrei nesse lugar: a *(r)esistência*. Mas quero dizer que pensar na *(r)esistência* não foi algo que veio antes, como pergunta, como objetivo a ser seguido ou como algo a ser encontrado na análise. Embora configure uma inquietação nas minhas perguntas, a composição do entrelaçamento dos significantes existência e resistência veio durante o percurso, quando, ao me deparar com tantos deslizes pelo urbano, percebi que de algum modo a existência cotidiana dos sujeitos no Jardim

¹ Doutora - UNICAMP.

² Este artigo é um recorte da tese de doutorado *(R)esistir no Jardim Itatinga: laços entre sujeitos e espaço urbano* (2019), defendida no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, sob orientação de Suzy Lagazzi.

³ Afirmando a não-homogeneidade do espaço. Nas entrevistas, materializam-se divisões e diferenças: rua das universitárias, das mais velhas, rua das travestis. Fala-se também na presença de transexuais, indígenas, michês. Diferenças étnico-raciais, de classe e de sexo atravessando e constituindo as relações sociais e a própria prostituição nesse espaço.

⁴ Apesar de os moradores entrevistados (muitos moram há mais de 10 anos no bairro) não se relacionarem diretamente com a prostituição, a relação de trabalho, de todos os entrevistados, sempre é atravessada pela prostituição.

Itatinga produzia movimento de sentidos, de espaços e de práticas, produzia pontos de ancoragem e identificação para os sujeitos que vivem e trabalham nesse espaço da cidade de Campinas.

A *(r)esistência*, tal como proponho, se ata e se entrelaça às práticas cotidianas, ao modo como o sujeito encontra brechas possíveis para movimentar-se pelo discurso no espaço urbano. Movimento e deslize que toca o simbólico e o político. Na proposta de escrita, o entrelaçar de significantes que juntos significam essa relação do sujeito no cotidiano: uma existência que encontra resistência, uma resistência que se dá pela existência. Uma *(r)esistência* que não é do sujeito, mas se encontra no sujeito, em conjecturas específicas de produção de sentidos. Na grafia, o entrelaçar de *vida* e revolta, de poesia e política. A proposta de escrita encontra a transcrição fonética de ambos os significantes que na similitude do som se imbricam: existência [i.zis.t'êj.sjə] e resistência [xe.zis.t'êj.sjə]. O “s” fora de lugar, que produz estranhamento nessa proposta de escrita, é a marca do sujeito que vacila entre o lugar que ele *deve* ocupar na cidade e aquele em que ele *ousa* estar, deslocando sentidos. O “s” é, desse modo, nessa composição, a inscrição do sujeito no enlace entre resistência e existência. Uma *(r)esistência* que se marca na língua.

Esse modo de escrita, que entrelaça existência e resistência, encontra a *vida* narrada nos relatos colhidos; encontra a *vida* em sua espessura poética e política. É na existência, nessas condições de produção, na falta e na falha do Estado, na individu(aliza)ção (ORLANDI, 2012) do sujeito em sujeito de direito, que é possível encontrar furos e brechas para resistir frente a um social que retalha, divide, exclui, *confina*; mata. São nesses pontos em que o ritual se quebra que é possível para o sujeito se reconhecer (se desconhecendo) diferentemente em outros pontos de ancoragem (LAGAZZI, 2016). Reconhecer-se em novos sentidos é, para Suzy Lagazzi (2016), a possibilidade de produzir “furos no social”, podendo “resistir simbolicamente”. No ordinário do sentido, o *real* irrompe pelo equívoco fazendo e refazendo sentidos, borrando espaços, possibilitando formas outras de identificação dos sujeitos com o espaço de morada, de trabalho de convivência. O habitual desdobra-se.

Ao longo da análise, desenvolvida na tese, aponto para os laços que os sujeitos estabelecem com o espaço, pontos de identificação que entrelaçam os sujeitos e (n)o Jardim Itatinga: laços de afeto e desafeto, de convivência e sociabilidade, religiosos e espirituais, de trabalho, de existência, de *sobrevivência*. No recorte realizado para este artigo, selecionei três sequências discursivas que colocam em tensão *afetos* e *desafetos*.

SD 01

Pesquisadora: E o que que o Jardim Itatinga é para vocês?

Entrevistada: Eu, se fosse pra mim falar do...do bairro, assim... hoje, assim...hoje, assim tanto tempo...hoje, **se eu viesse de lá de fora hoje**, não lá dessa Rondônia, de onde eu vim, que eu não gosto, mas se eu morasse ainda em São Paulo, em São Bernardo dos Campos onde foi até os meus 18 eu vivi, se fosse pra mim sair de lá e falar: “não, eu vou morar no Jardim Itatinga”, **por mais que eu goste daqui, eu não viria.... pra ser sincera, eu não viria**. Se fosse pra mim sair de lá, a idade que eu tenho hoje, 52 anos, pra morar **AQUI** eu não vinha, eu ficava em São Bernardo dos Campos, que é um lugar que eu gosto bastante, ficaria lá. Hoje, essa minha idade... se fosse pra mim sair daqui, **mas é que moro na minha casinha própria**, né, mas fosse....assim, pra mim sair de São Bernardo e falar: “eu vou direto morar no Jardim Itatinga”, **EU não viria** (Moradora. É lavadeira de roupas).



SD 02

Pesquisadora: A senhora disse que se a senhora conhecesse o bairro hoje, né, não viria?

Entrevistada: **Hoje, hoje eu morasse em São Bernardo do Campo viesse passear aqui, eu não moraria aqui, não moraria.**

Pesquisadora: Agora, pensando assim, aqui foi onde a senhora criou o seu filho, passou aqui 20 anos, considerando isso o bairro não tem um sentido especial? Assim, porque a gente sempre gosta do lugar que a gente mora, né?

Entrevistada: É, é a gente gosta de onde mora, **eu até gosto daqui, mas se fosse para escolher...** hoje em dia... acho que até uma época atrás... até uns dois anos atrás eu até escolheria morar aqui, mas... na metade de 2015 pra 2016 é fora de discussão.

Pesquisadora: Piorou o barulho ou outras coisas também?

Entrevistada: Ah, umas outras coisas, não moraria! Por mim, **eu detonaria o bairro** (Moradora. É lavadeira de roupas).

Entre um gostar e um desgostar, afetos e desafetos são discursivizados. Os marcadores argumentativos trabalham os sentidos de modo a enfatizar e a dar mais força ao argumento final: *EU não viria* [não moraria [mais] no Jardim Itatinga], ainda que este seja enunciado a partir do modo subjuntivo, como hipótese, possibilidade, desejo. Em 01, a oração subordinada iniciada pela concessiva *por mais que* introduz como concessão o fato de gostar do local de morada, mas, na sequência, esse argumento é recusado na repetição de um mesmo desejo: “por mais que eu goste daqui, **eu não viria**... pra ser sincera, **eu não viria**”. Na formulação seguinte, o adversativo vacila entre argumentos distintos: de um lado a propriedade privada como argumento definitivo e decisivo para a permanência no local, de outro, na inscrição de possibilidade, o desejo de não estar/ficar ali: (01) “Hoje, essa minha idade... se fosse pra mim sair daqui, **mas** é que moro na minha casinha própria, né, **mas** fosse....assim, pra mim sair de São Bernardo e falar: ‘eu vou direto morar no Jardim Itatinga’, **EU não viria**”. Ainda que a propriedade privada seja um argumento decisivo para fazer com que o sujeito permaneça no bairro, inclusive a construção sintática aparece no presente do modo indicativo, “mas é que **moro** na minha casinha própria”, o modo subjuntivo reiterado e repetido com frequência, somado à força da entonação, enfatizam o desejo de sair, ou, na situação hipotética, de nunca ter vindo. Na sequência 02, os operadores *até* e *mas* funcionam na inscrição de uma escala de sentidos e reforçam o direcionamento argumentativo que inscreve com força o desafeto: “eu **até gosto daqui, mas** se fosse para escolher...”; o desejo de sair/nunca ter vindo inscreve-se nas reticências, que, pelo espaço não preenchido, encontra o desejo já enunciado. Assim, pela repetição insistente de uma hipótese, de um desejo de sair ou de nunca ter vindo, a discursivização de um desafeto com o local de morada. Afetos e desafetos tensionam-se entre a afirmação de permanecer e a possibilidade (incerta, mas desejosa) de sair.

Destaco ainda que, nessas sequências discursivas (01 e 02), repetidamente, o advérbio *hoje* inscreve-se marcando uma divisão temporal: “Eu, se fosse pra mim falar do...do bairro, assim... **hoje**, assim...**hoje**, assim **tanto tempo...hoje**, se eu viesse de lá de fora **hoje**”, “**Hoje**, essa minha idade... se fosse pra mim sair daqui”, “**Hoje, hoje** eu morasse em São Bernardo do Campo viesse passear aqui, eu não

moraria aqui, não moraria”, “mas se fosse para escolher... **hoje em dia...** acho que **até uma época atrás...** até uns dois anos atrás, eu até escolheria morar aqui, mas... na **metade de 2015 pra 2016** é fora de discussão”; antes, o Jardim Itatinga foi uma escolha, hoje não é mais. O tempo do presente insistentemente marcado diz sobre o desgosto com o local de morada, com o desejo de **hoje** deixar o Jardim Itatinga. No entanto, essa divisão temporal produzida na formulação funciona na relação com um passado em que o Jardim Itatinga **foi** uma escolha possível para a família. Na formulação “acho que **até uma época atrás...** até uns dois anos atrás, eu até escolheria morar aqui, mas... na **metade de 2015 pra 2016** é fora de discussão”, o sujeito marca temporalmente um momento em que a escolha, o laço afetivo com o local de morada passou a tensionar fortemente afeto e desafeto. Desse modo, destaco como os marcadores temporais incidem com insistência e colocam em funcionamento afeto e desafeto, dando visibilidade à tensão que constitui o laço com o bairro.

Essa tensão entre afetos expõe a contradição que constitui o urbano em sua relação político-histórico-ideológica. É preciso lembrar que as condições de produção nas quais esses sujeitos produzem laços com o urbano se constituem em meio ao funcionamento ideológico de nossa formação social na relação com o poder do Estado de ordenar a vida e a morte (FOUCAULT, 2005; BUTLER, 2016), de organizar a urbe e o corpo dos sujeitos pelo traçado urbano. Laços entre sujeitos e espaço se dão nesse urbano dividido pelo Estado, cindido por discursos que separam sujeitos e delimitam seus espaços de permanência e circulação, retalhado por um discurso político-urbanístico que, sob a defesa da revitalização urbana, manda para longe e para *fora* da cidade determinados grupos sociais; divisões, insisto em dizer, atravessadas por questões de classe, étnico-raciais e sexo; laços se constituem a partir desse mesmo discurso político-urbanístico que, desigualmente, investe em infraestrutura privilegiando áreas e regiões restritas da cidade, que, desigualmente, oferece políticas públicas de acesso à educação, cultura e lazer, que, desigualmente, combate a violência (que se desdobra pelo traçado citadino como um sintoma dessa falha estatal). É nessas condições de *existência* que laços são produzidos; é essa complexidade histórico-político-social que afeta sujeitos, espaços, sentidos. Assim, os processos de identificação se dão também, como defende Eni Orlandi (2012), pelo processo de individuação do sujeito pelo Estado.

Destaco, ainda, mais uma sequência discursiva para pensar nessa relação tensa e contraditória dos afetos:

SD 03

E eu cuidei de criança, viu? Tinha dias que eu estava com 19 crianças aqui, você não sabe o que que é o **sufoco** que eu passava. O Cepromm me deu pra mim duas caçarolas que eu tenho até hoje aqui, fazia uma de macarrão, fazia outra de arroz, fazia outra de carne e tratava das crianças e fazia aquele jarrão de suco assim pras criança. E eles brincavam... **Só que aquele tempo eu não podia ter nenhuma flor na minha porta, as rosas eles acabaram com tudo. Depois que eu parei de cuidar de crianças, fui plantando flor outra vez, que eu adoro flor (risos).** Mas eu tenho orgulho de cuidar de filho dos outros, eu cuidei de muita criança e **se um dia eles tiverem a família deles eles vão falar muito de mim** (Moradora. É *cuidadora*).

Depois das crianças, flores. Esse depoimento expõe dureza e doçura. *Entrar* no bairro e na *casa* dos sujeitos que compõem esta pesquisa com suas histórias é, como defende Michel Pêcheux (2008, p. 48), “se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido”, é escutar a *vida* ser narrada. De todos os depoimentos colhidos pelo bairro, este foi um dos que mais me pegou. Passei três horas nessa *casa*, sentada na sala. No meio da entrevista, um intervalo para um café passado na hora. *Cuidadora* de crianças, o depoimento mostra um pouco sobre seu trabalho. Na *casa*, 19 crianças. O que eu não sabia é que essas crianças não são buscadas pelas mães às 18 horas, depois do trabalho, tal como imaginariamente pensamos que é o trabalho de uma *babá*. As crianças permaneciam com ela durante toda a semana e, às vezes, as mães apareciam aos domingos. Algumas crianças permaneceram anos em sua *casa*, até que um parente próximo aparecia para levá-las embora. A dor de dizer adeus a essas crianças se materializa nas entrevistas; muitas ficaram três anos em sua residência, sob seus *cuidados*.

Compreendi, então, a complexidade que permeava as relações sociais no Jardim Itatinga. Uma relação de trabalho atada à prostituição, mas que também se desenrola em laços de carinho, amor, *cuidado*. Laços de *vida*, mais uma vez, discursivizados. Essa sequência também dá visibilidade às relações familiares outras construídas nesse espaço, nessas condições de produção. Mães que deixam os filhos na *casa da cuidadora* para trabalhar nas *casas de prostituição*, que fazem visitas aos filhos aos domingos. Mães, como essa do relato, que deixam os filhos anos com a *cuidadora*. De outro lado, relações empregatícias que se desatam em relações familiares. As crianças permaneciam sob seus cuidados durante toda a semana, conviviam com sua família, constituíam sua família. Nessa SD, a compreensão de que as relações familiares pelo Jardim Itatinga são muitas e heterogêneas, mesmo que os dizeres que nomeiam a morada com as placas *residência familiar* e *casa de família* se inscrevam numa memória burguesa que busca definir o que é **família**. Tratam-se de arranjos familiares que se estabelecem nessas condições de produção e que dizem sobre modos possíveis de viver a *vida* nesse espaço (e, eu diria, em tantos outros por nosso país): mães que pouco veem seus filhos, devido ao modo como se constitui seu trabalho; *cuidadoras* que se tornam a família de várias crianças também como decorrência de um modo outro de trabalho.

Essa dureza do cotidiano e o relato tão poético sobre plantar flores e cuidar de crianças diz muito sobre o Jardim Itatinga e a relação dos sujeitos com o espaço. Entre o *cuidado* de flores e o *cuidado* de crianças, laços de afeto e desafetos compõem uma cena trivial do cotidiano, na qual as crianças *acabavam* com as flores e que, agora, na ausência das crianças, as flores florescem. Entre o afeto das crianças e das flores e os desafetos do trabalho que, apesar da doçura e do amor, expõe dureza e dificuldades. O trivial expõe modos de *(r)existir* pelo urbano. Chamo a atenção para dois pontos fortes que se entrelaçam nessa sequência: o primeiro se relaciona ao vínculo empregatício ligado à prostituição e como esse, nessas condições de produção, desdobra-se em laços que ultrapassam a relação de trabalho. O laço de trabalho é um forte laço que organiza as relações sociais nesse espaço e que se desdobra em laços de afeto, laços de convivência, laços familiares. O trabalho, atravessado pela prostituição, dá ancoragem aos sujeitos nesse espaço. O segundo diz respeito ao modo como o cotidiano, também nessas condições de produção,

compõe o comum de um bairro, que, nessas relações sociais, é tido como *natural* para os sujeitos. O trabalho de uma *cuidadora* no Jardim Itatinga funciona no entrelaçamento com a existência da prostituição, inclusive a divisão do tempo de trabalho de uma *cuidadora* funciona no encontro com o tempo e o modo de trabalho de uma prostituta. O trabalho da *cuidadora* funciona nessa especificidade, num tempo outro, num modo outro de *cuidar* de crianças. É esse tempo outro e esse modo outro que compõem o dia a dia do trabalho de uma *cuidadora* que faz com que os laços empregatícios se deem em meio a laços de afeto, de carinho e *cuidado* (um cuidado que se demora, um cuidado que dura anos). É o cotidiano, composto por práticas possíveis de existência, que nessas condições de produção produz como efeito pontos outros de ancoragem para os sujeitos, sentidos *comuns* e *possíveis* que dão suporte aos sujeitos que nesse espaço *vivem* e se relacionam. Formas outras de *(r)esistir* nesse espaço que se dão em meio a laços de trabalho, que se desdobram em laços sociais outros.

São *vidas* que compõem as entrevistas coletadas, e disso não se pode esquecer. Parafraseando Michel Pêcheux, questiono: o que, senão a *vida*, que se *revolta e resiste*? Experiências pessoais e cotidianas que se dão a partir do e no poder do Estado de gerir o urbano, de organizar corpos pela cidade, de controlar o sexo (insubmisso) dos sujeitos; são *vidas* que se constituem em meio aos processos de reprodução(-transformação) ideológica; *vidas* que só são *vidas* como tais porque se inscrevem na linguagem e no simbólico e é por se inscrevem na linguagem e no simbólico é que há a possibilidade de mudança.

Nesse percurso teórico-analítico, deparei-me com a metáfora, sentidos que deslizam em encontros equívocos, *real* da língua que encontra *real* da história, cotidiano que, em condições de produção dadas, permite movimento. Assim, considero o cotidiano não como o banal ou o senso comum, mas como aquilo que, pela repetição que lhe é constitutiva, permite que o sujeito *(r)esista* num social desigualmente dividido, fraturado por relações sociais cada vez mais tensas, cotidiano, como o lugar da *invenção do dia a dia*. Lugar onde o inesperado irrompe fazendo e refazendo sentidos, oferecendo possibilidades outras de identificação para o sujeito, possibilidades outras de reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?*. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- FERRAÇA, Mirielly. *(R)esistir no Jardim Itatinga : laços entre sujeitos e espaço urbano*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas-SP, 2019.
- FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976 *In: Em defesa da sociedade*. Tradução Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 285-315.
- LAGAZZI, Suzy. Resistência simbólica. Verbetes na *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise dos Discurso e áreas afins*. LAS – Laboratório Arquivos do Sujeito. Coordenação de Bethania Mariani, UFF – Universidade Federal Fluminense, 2016.
- ORLANDI, Eni. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. 2. ed. Campinas: Editora Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: pontes, 2008.